

Arqueologia e História: estudo de um aldeamento jesuítico no Rio de Janeiro*

*Nanci Vieira de Oliveira***

Resumo

Pretende-se compreender o processo de assimilação das populações indígenas e as políticas impostas em diferentes momentos, a relação dos sítios arqueológicos com o aldeamento jesuítico, o movimento das populações e práticas de subsistência, os mecanismos de resistência a partir da análise de fontes escritas e arqueológicas, aspectos do cotidiano destas populações através da análise de restos ósseos e cultura material. Os sítios arqueológicos estudados definiram a análise a partir de dois contextos temporários: a fase de implantação e consolidação do aldeamento e a fase de declínio, com a saída dos jesuítas e sua extinção.

Palavras-chave: cultura material e etnicidade, cerâmica Tupinambá, identidade e resistência, indígenas e jesuítas.

Introdução

O interesse pelo estudo de “sociedades de contato”, na situação específica de estabelecimento de populações indígenas sob a administração de missionários, levou ao desenvolvimento de pesquisas sobre o Aldeamento Jesuítico de São Barnabé, situado no Rio de Janeiro – Brasil. As pesquisas sobre este aldeamento buscaram localizar e registrar evidências materiais e documentais que pudessem fornecer informações sobre os processos de interação e fazer emergir, em diferentes épocas, as mudanças culturais e as rupturas existentes nas sociedades de contato (FUNARI, 1996, p. 164-166).

Considerando-se a cultura material como um discurso ligado às práticas sociais e estratégias de poder (FUNARI, 1993, 1995a, 1995b, 1996), podemos também dizer que um documento escrito é um discurso verbal materializado, sendo igualmente passível de um olhar arqueológico. Evidências documentais, como mapas antigos e outros materiais iconográficos, têm fornecido meios para a “compreensão da cultura material urbana em diferentes contextos históricos” (FUNARI, 1999, p. 12). Ambos podem ser percebidos como diferentes expressões culturais e contextos discursivos (ANDRÉN, 1998, p. 148), estando indissociáveis para a Arqueologia Histórica.

O processo colonial como um fenômeno por demais complexo, ao longo dos séculos apresentou formas variadas, com suas contradições, resistências e confrontos (FUNARI, 1995, 1996, 1997; FUNARI; JONES; HALL, 1999). Torna-se fundamental, portanto, a análise não apenas das transformações, mas as respostas dadas pelos grupos indígenas e suas estratégias frente à dominação colonial, através da relação entre fontes arqueológicas e históricas como objetos de estudo inseparáveis (FUNARI, 1996, p. 164).

O contato não significa o desaparecimento da identidade étnica por mudança e aculturação, mas o estabelecimento de suas fronteiras através de novas estratégias, símbolos materiais e comportamentais (JONES, 1997). E, para compreender a dinâmica do contato, torna-se importante verificar as transformações experi-

mentadas por estas sociedades, suas lutas e estratégias frente ao domínio colonial. Isto significa alcançar a diversidade de estratégias econômicas e de ocupação do espaço que definiram as estratégias de contato com os indígenas.

As estratégias estabelecidas pelos grupos respondem às situações que lhes são impostas, em que a criação de novos comportamentos e símbolos materiais pode ser percebida nos registros arqueológicos e documentais (FUNARI, 1991, 1996, 1999). Assim sendo, uma análise de etnicidade na arqueologia exige o conhecimento dos contextos do passado através de variadas fontes e diferentes dados, utilizando-se de uma abordagem histórica, como também pode ser útil o uso de informações etnográficas de forma a ajudar na compreensão do processo histórico e novas interpretações dos sítios arqueológicos (RUBERTONE, 1989; PAYNTER; MCGUIRE, 1991; ALTMAN; BUTLER, 1994; JONES, 1997; TRIGGER, 1998).

Assim, buscar uma interpretação alternativa representa considerar a existência de uma rede de contatos de prestígios, de relações sociais, relações intertribais anteriores à chegada dos europeus e que, a partir do contato com estes, os fatos e situações que se colocaram em diferentes momentos acabaram por gerar reestruturações e estabelecimento de novas redes. Em um estudo de sistemas amplos de contato, a história se torna um elemento vital na interpretação arqueológica, que, em conjunto com outras áreas de conhecimento, numa abordagem interdisciplinar, permite um outro olhar para as sociedades do passado (RANDALL, 1996; ORSER JR., 1999).

Cultura material e identidade étnica: os Tupinambá do Rio de Janeiro

Para compreender a realidade social com que se defrontaram os colonizadores no Rio de Janeiro, torna-se de interesse identificar, através dos relatos de cronistas, a organização espacial, em nível regional, e os elementos culturais indicativos de comportamen-

to étnico, em período imediatamente anterior à intensificação dos contatos, ou seja, em período anterior à conquista portuguesa.

Os europeus, preocupados em dar coerência aos quadros populacionais com que se defrontavam e na ausência de instituições políticas e fronteiras como na Europa, adotaram denominações visando classificar as comunidades indígenas, criando etnias artificiais (POUTIGNART; STREIFF-FENART, 1998, p. 80).

A baía de Guanabara, onde se localiza a cidade do Rio de Janeiro, foi ocupada historicamente por populações indígenas Tupi-Guarani. A Etnologia sustenta a existência de uma matriz cultural Tupi-Guarani, flexível e genérica, apresentando uma grande variabilidade (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 108; OLIVEIRA FILHO, 1987; FAUSTO, 2000). Diferentes grupos Tupi do litoral se autodenominavam *Tupinambá*, entretanto os do Rio de Janeiro também eram designados como Tamoios por outros grupos indígenas. Desta forma, adotaremos esta última designação, embora saibamos que a mesma não corresponde à autodenominação destas populações.

As aldeias Tamoios encontravam-se articuladas, local e regionalmente, por laços de parentesco e alianças, estando ligadas, especialmente, por uma rede de caminhos que também integrava os grupos do litoral com os do interior. Esta articulação entre as aldeias não impedia que elas se mantivessem independentes entre si nas decisões. A força de uma aldeia estava, principalmente, relacionada a um chefe com grande parentela e aliados, ao seu poder de oratória e capacidade guerreira.

A rede de caminhos que ligava estes conjuntos intercomunitários era também utilizada por muitos grupos, ao se deslocarem do interior ao litoral para a pesca. Isto indica um acampamento para a pesca, utilização de artefatos como flechas, anzóis, armadilhas, pedra de moer e vasilhas para transportar a farinha. Artefatos do tipo lascas de pedra, usadas como facas e raspadores, machados de pedra, pontas de dente de tubarão ou de esporão de arraia, contas de vértebras de peixe, adornos de osso, dentes de animal trabalhado, mencionados pelos cronistas, em nada se dis-

tanciam do que os arqueólogos costumam registrar em diversos sítios pré-ceramistas e ceramistas no litoral – o que se torna uma questão problemática utilizarmos apenas determinadas características tecnológicas como diferenciador entre culturas arqueológicas.

Esta articulação em um imenso sistema de trocas resulta em elementos e estilos na cultura material partilhados por diversos grupos étnicos (JONES, 1997, p. 28). Os adornos labiais em pedra polida e forma redonda ou cilíndrica, usada também como adornos faciais, são descritos entre os diversos grupos Tupi, refletindo a intensidade da interação entre os grupos Tupi litorâneos e seus vínculos históricos (NEWTON, 1987, p. 16; NOELLI; BROCHADO, 1998, p. 125).

A existência de um amplo sistema de trocas e de contatos multiétnicos propiciou a difusão de determinadas matérias-primas e adornos em grupos distintos étnica e lingüisticamente. Cabe lembrar que adornos populares em amplas áreas somente podem ser compreendidos como parte de um conjunto de elementos de escolha dos grupos que, como um conjunto iconográfico, transmitiam mensagens de identidade social e étnica. Este conjunto iconográfico, formado pelos adornos, a pintura corporal e outros sinais no corpo, torna-se de difícil compreensão pelas fontes escritas, já que alguns de seus elementos não foram compreendidos e descritos sistematicamente pelos colonizadores. E mesmo nos sítios arqueológicos, apenas parte de sua materialidade sobrevive.

Apesar desta homogeneidade de adornos labiais e faciais, existiam outros elementos distintivos entre os grupos étnicos, como também para distinção entre indivíduos, indicando o pertencimento a grupos sociais, por genealogia ou categoria de idade (SILVA e FARIAS, 1992). A afirmação constante dos cronistas de que os Tupinambá distinguiam outros grupos indígenas à distância, pela caracterização do corpo e corte de cabelo, demonstra que no “nível macrossocial” o conjunto pintura-adornos-cabelo definia categorias sociais e étnicas (VIDAL; MÜLLER, 1986; VIDAL, 1992). Etnicidade se estabelece através de comunicação cultural, permi-

tindo o estabelecimento de fronteiras por meio de símbolos compreensíveis pelos membros do grupo e pelos “de fora” deste. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 124)

Em todas as atividades sociais Tupinambá e Guarani, envolvendo uma ou várias aldeias, ocorria o consumo de cauim, principalmente nos rituais antropofágicos, que reforçavam as relações interaldeias e as fronteiras étnicas. A preparação da bebida feita pelas mulheres exigia, além dos vasilhames cerâmicos, raladores, facas, furadores e raspadores de pedra, concha, dente, osso, madeira e cestos. O cozimento dos ingredientes ocorria em vasilhas fundas, sendo estas com tratamento de superfície do tipo corrugado, alisadas, escovadas ou unguladas. Depois do cozimento, eram amassados ou mastigados, colocados em outra vasilha do tipo bacia e depois depositados em um talha ou *igaçaba* para fermentação. Estas *igaçabas* podiam ter pintura externa, “na boca até a porção superior acima de seu maior diâmetro” (NOELLI; BROCHADO, 1998, p. 123).

Os Tamoio faziam ainda vasilhas do tipo panela de formas variadas, vasilhas para torrar a farinha de mandioca, pratos de diversos tamanhos e vasilha específica para servir a farinha, sendo esta última a única a receber pintura em toda a superfície interna (LÉRY, 1980 [1578], p. 232-234). Em muitos grupos indígenas o mesmo padrão observado na pintura corporal é aplicado na cerâmica (LIMA, 1986, p. 177), que justificaria o fato de Léry ([1980 [1578], p. 234) ter observado uma diversidade de motivos na cerâmica pintada Tupinambá. Como em outros grupos Tupi, os padrões ornamentais nos artefatos e na pintura corporal atuam como “insígneas de identificação tribal” (RIBEIRO, 1986, p. 265).

Contato – estratégias indígenas e européias

A forma como os índios interpretam “os apelos à mudança” está relacionada a estratégias culturais específicas, ao contexto histórico em que ocorre o contato e ao universo de relações estabelecidas. A situação de contato não deve ser vista simplesmente

te como uma relação de dominação e submissão, mas de estratégias adotadas de ambos os lados, em que dominação acaba por gerar resistências.

Não somente os objetos obtidos dos europeus passaram a ser cobiçados e, através do amplo sistema de trocas, alcançavam grupos que ainda não estavam em contato direto com os colonizadores, mas os próprios objetos indígenas de grande valor por todo o litoral (como as contas brancas) também foram incorporados pelos portugueses como objeto de troca para a obtenção de mulheres e resgate de prisioneiros (CARDIM, 1980 [1584], p. 92). Os produtos tradicionais das sociedades indígenas, circunscritos anteriormente à produção doméstica, passam a ter valor de troca com a economia regional, adquirindo assim uma nova dimensão.

Já na primeira fase de contatos ocorrem mudanças, como no ritual funerário, pois “já não enterram mais coisas de valor como costumavam fazer” (LÉRY, 1980 [1578], p. 247), além do que os objetos dados pelos europeus não eram considerados de direito do morto (CARDIM, 1980 [1584], p. 94).

A complexa rede de relações existente entre as aldeias, ligadas por laços de parentesco e alianças, resultava na participação de rituais comuns e atividades guerreiras, havendo a possibilidade de uma rede de assentamentos ser explorada sazonalmente pelas comunidades desta rede.

Uma análise espacial sobre sítios que poderiam formar este sistema do *tecoaba* exige precisão quanto à contemporaneidade entre si, o que geralmente se torna difícil de obter. No mapa de De Vaultx (1579), podemos visualizar a organização espacial Tupinambá no litoral central do Rio de Janeiro, ainda mantida, em parte, após a conquista portuguesa. Considerado o mais completo mapa quinhentista devido ao detalhamento das terras da baía de Guanabara até Macaé, em especial da região de Cabo Frio, o cartógrafo francês, preocupado em registrar os caminhos existentes e pontos vulneráveis para um ataque à cidade de São Sebastião, acaba por assinalar a rede de caminhos e algumas aldeias dos Tamoio. Uma análise das

informações fornecidas por este cartógrafo permite identificar os diferentes assentamentos integrados em um território de domínio e as vias de ligação entre estes, possibilitando levantar processos comportamentais que se tornam úteis para a interpretação dos registros arqueológicos.

O detalhamento do relevo indica que De Vaulx percorreu a região de Cabo Frio, assinalando as aldeias por ele visitadas e os caminhos percorridos até a baía de Guanabara. Em diferentes pontos na lagoa de Araruama estão assinalados como “scalla” os locais onde aportavam embarcações francesas, sendo duas destas ligadas por caminhos a aldeias visitadas pelo cartógrafo. Os demais pontos de “scalla” podem estar relacionados a assentamentos ligados a aldeias não visitadas, não sendo estas visualizadas na lagoa. Cabe notar que a “scalla” localizada ao fundo da lagoa de Araruama corresponde à região onde estão situados os sítios Tupinambá de Três Vendas (KNEIP, 1980), cujas datações indicam que, até meados do século XVIII, alguns indígenas fabricantes de cerâmica Tupinambá ocupavam a área.

De interesse particular nesta carta é a aldeia assinalada mais próxima da baía de Guanabara, que pelo relevo coincide com a área próxima a Araçatiba na lagoa de Maricá. Podemos observar que desta aldeia partiam caminhos que atingiam Itacoatiara, Itaipu, Niterói e, atravessando a área montanhosa, chegavam a São Gonçalo. Tais caminhos foram utilizados pelos índios de São Lourenço para suas pescarias em Maricá, como também estas terras próximas a Araçatiba foram solicitadas pelos jesuítas para o aldeamento de São Barnabé.

A demarcação das terras concedidas aos índios de São Barnabé refere que as terras dos jesuítas faziam “canto” atrás da “tapera de Araçatiba”. Uma aldeia denominada Araçatiba também é citada por Léry como um aldeia por terra a dentro, em relação à baía de Guanabara. Cartas de sesmarias concedidas a partir de 1568 em Niterói e São Gonçalo fazem referência ao caminho para Araçatiba. No *Auto de São Lourenço*, de Anchieta, uma das aldeias destruídas pelos portugueses igualmente é denominada Araçatiba. A destruí-

ção da aldeia de Araçatiba estaria relacionada ao início da investida portuguesa contra os Tamoio de Cabo Frio, quando a primeira aldeia, a de Japiguaçu, foi cercada e submetida, embora os cronistas não indiquem a sua localização exata.

Tais fatos colocam a possibilidade de que esta aldeia corresponda à tapera de Araçatiba e o sítio arqueológico de São Bento, em São José de Imbassaí, em Maricá, corresponda a um dos assentamentos de Araçatiba, já que parece ter havido sobreviventes que aceitaram a subjugação portuguesa, o que os incluiria no grupo Tamoio que ficou nos aldeamentos sob a administração dos jesuítas. Como este sítio se encontra no caminho da referida aldeia em direção a Itacoatiara e Itaipu, pode ser, portanto, um dos assentamentos de pesca que continuou a ser utilizado pelos índios de São Lourenço e São Barnabé.

Um acampamento de pesca

A ausência de vestígios identificados como coloniais em sítios com cerâmica indígena geralmente é interpretada como correspondente a período pré-colonial, o que algumas vezes entra em conflito com a datação, como no sítio Três Vendas (KNEIP, 1980). Entretanto, os cronistas franceses mencionam que os Tamoio não enterravam seus mortos com os objetos obtidos dos europeus; assim, a ausência destes objetos em estruturas funerárias não indicaria obrigatoriamente inexistência de contato. Cabe lembrar que Knivet (1875 [1591]), ao encontrar uma aldeia Tamoio no Paraíba do Sul cujos habitantes eram refugiados de Cabo Frio, menciona o lamento destes de não possuírem mais os objetos que costumavam receber dos franceses.

A construção de acampamentos de coleta ou a utilização dos mesmos locais de antigos assentamentos nas áreas dos aldeamentos ou sesmarias concedidas aos jesuítas deve ter sido comum durante o período colonial. A presença de lascas de quartzo e outros artefatos em diversos "sítios de contato" indica a permanência das atividades tradicionais indígenas e a utilização de objetos coloniais, cujos

significados e usos diferem de acordo com a própria ótica e práticas culturais dos índios.

O sítio arqueológico de São Bento, localizado na Restinga de Maricá, em São José de Imbassaí, de acordo com os traçados indicados pelos documentos, encontra-se nas proximidades das terras dos índios de São Barnabé.

Os vestígios arqueológicos se encontravam esparsos por uma área de, aproximadamente, 500 metros de diâmetro, ocorrendo fragmentos cerâmicos, lascas de quartzo e fragmentos de louça. Os vestígios são predominantemente superficiais e, mesmo no conjunto funerário, a 78 cm de profundidade, observou-se a inexistência de estratigrafia que indicasse camadas distintas de deposição de material arqueológico, sem alteração no sedimento próximo ou na base do conjunto cerâmico.

Na tentativa de se obter informações sobre as atividades desenvolvidas no local, buscou-se identificar cada vasilha de acordo com sua funcionalidade, bem como a relação entre o tamanho do grupo residencial e a proporção da vasilha (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; BROCHADO; MONTICELLI, 1994). Na relação forma-função-pintura considera-se a existência de elementos diferenciadores entre as utilizadas em rituais e as de uso cotidiano (MONTICELLI, 1995; NOELLI. TRINDADE; SIMÃO, 1997; SILVA; NOELLI, 1997; NOELLI; BROCHADO, 1998), como também a possibilidade de se estabelecer uma relação entre utilização social e etnicidade através da pintura, relacionada aos "grupos de comer" e às famílias extensas (SOARES, 1997).

Em São Bento observamos predominância de cerâmica Tupi-Guarani, com ocorrência de todos os tipos de decoração plástica e policrômica, embora ocorra com menor representação a cerâmica colonial. Os fragmentos foram separados de acordo com o tratamento de superfície, em conjuntos de lisos, corrugado / espatulado, inciso, unglado, escovado e pintado. Também foram separados os fragmentos das bordas das vasilhas para as reconstruções gráficas,

identificando-se 35 vasilhas, além dos quatro vasilhames da estrutura funerária que foram restaurados.

A estrutura funerária, composta por um grande vaso ou *igaçaba*, continha alguns poucos fragmentos de ossos de membros inferiores em péssimo estado de conservação, uma tigela retangular e uma tigela redonda com pintura, além de uma grande panela do tipo *nhaempepo*. O vaso carenado utilizado como urna funerária apresenta pintura na porção acima de seu maior diâmetro, sendo grafismo geométrico em preto sobre engobo branco, e o restante da superfície externa se apresenta alisada. O vaso identificado como panela de formato cônico, corrugado-espatulado na metade superior e escovado na inferior com presença de fuligem, apresenta parte da superfície interna impregnada de substâncias carbonizadas. Uma grande tigela rasa e redonda foi utilizada como tampa, de base plano-concava, borda reforçada, com grafismo geométrico na parte interna da borda e faixas vermelhas logo abaixo do lábio e separando a borda do corpo da vasilha interna e externamente. Já a tigela retangular apresentou superfície interna pintada sobre engobo branco, com motivos vegetais (provavelmente uma palmácea), borda reforçada externamente e com grafismo geométrico sobre engobo, como também faixas vermelhas no lábio e na borda, interna e externamente, separando-a do corpo da vasilha.

A não preservação dos restos ósseos deve-se às características climáticas da restinga e à acidez excessiva do solo. Em outros sítios Tupinambá localizados em áreas de restinga, é comum a destruição dos restos ósseos dos sepultamentos, ou seja, tudo que se refere a materiais orgânicos, como artefatos em madeira, ossos e os restos alimentares; nada sobrevive, a não ser a cerâmica e artefatos em pedra.

As festas funerárias Tupinambá eram similares às antropofágicas, com grandes beberagens, o que resultava na elaboração de novas vasilhas, como as grandes panelas fundas *nhampepó*, grandes bacios e grandes vasos ou *igaçaba* para fermentação (NOELLI; BROCHADO, 1998, p. 122).

Alguns fragmentos de bordas indicaram grandes vasos alisados ou com decoração corrugada-espátulada, sendo as mesmas retas e levemente extrovertidas. Alguns destes fragmentos correspondem a panelas do tipo *nhaempepo*. As reconstruções gráficas permitiram, também, identificar a presença de vasos médios e pequenos, torradores e, com maior representação, as tigelas, sendo estas de diversos tamanhos.

No que se refere à relação entre o tratamento da superfície dos vasilhames e a forma destes, observamos que os vasilhames alisados apresentaram todos os tipos quanto à forma e tamanho. A decoração plástica corrugada ou corrugada-espátulada foi aplicada em vasos grandes e em apenas uma tigela funda grande. Os vasilhames com pintura se restringiram a tigelas e apenas um pequeno vaso.

Quanto à presença de fuligem nas paredes externas e impregnação de substâncias nas paredes internas das vasilhas utilizadas ao fogo, pode-se observar tais vestígios em vasos grandes, interpretados como panelas do tipo *nhaempepo*, em tigelas grandes de profundidade média ou funda, provavelmente usadas como caçarolas, uma tigela rasa média e os torradores. As tigelas com pintura e apenas duas tigelas sem decoração, bem como alguns vasos de menor dimensão, não foram usados ao fogo, estando, portanto, relacionados a servir líquidos e sólidos.

Ao compararmos as formas, o tipo de pintura e localização destas nas vasilhas, observamos que as tigelas, em sua maioria rasas, apresentaram a superfície interna com grafismo sobre engobo branco, enquanto que outras, principalmente as de profundidade média e funda, apresentaram faixas vermelhas no colo, na superfície interna e/ou externa.

Diversos estudos (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMAN, 1990; SILVA; NOELLI, 1997; SOARES, 1997; NOELLI; BROCHADO, 1998) apontam, pela presença de pintura, a diferença entre vasilhames para armazenar o cauim e para beber bebida alcoólica dos vasos para armazenar e beber água. De um modo geral, os

Tupinambá, para uso cotidiano, faziam vasilhas do tipo panela de formas variadas, vasilhas para torrar a farinha de mandioca, pratos e tigelas de diversos tamanhos e formas. Léry (1980 [1578], p. 232) nos fornece uma pista interessante quando destaca que a tigela utilizada para servir a farinha era ricamente pintada na sua face interna, com desenhos mais variados, o que coincide com a tigela restaurada e outras reconstituídas.

Em suas visitas a aldeias dos índios lhe foi servido alimento (carne em geral) com farinha, sempre em vasilhas ricamente decoradas. Os Tamoio costumavam sempre ter cauim à disposição, consumindo-o cotidianamente, sendo às vezes oferecido aos visitantes (LÉRY, 1980 [1552], p. 237; THEVET, 1978 [1556], p. 89; SOUZA, 1973 [1587], p. 320). Assim sendo, as vasilhas pintadas não estariam restritas ao uso nos rituais antropofágicos e a servir bebida alcoólica, ou ainda, não seria a presença de pintura o elemento diferenciador, mas o tipo de pintura é que identificaria as vasilhas de farinha, as de servir e beber bebida alcoólica.

No caso do uso das tigelas com pinturas mais elaboradas na superfície interna para servir farinha e outros alimentos sólidos, as tigelas médias e fundas com faixas vermelhas poderiam estar ligadas a servir bebida alcoólica, enquanto tigelas similares, alisadas e sem marcas de terem sido usadas ao fogo, estariam relacionadas a acondicionar água. Igualmente, a pouca quantidade de pequenos vasos de uso individual talvez se deva à utilização de cuias feitas de cabaça.

Não podemos deixar de registrar a presença de uma tigela com grafismo sobre engobo branco na superfície externa que, embora seja comum em sítios Guarani no sul do Brasil, também foi registrada no Rio de Janeiro em sítio histórico correspondente ao final do século XVIII e início do século XIX, em Três Vendas, Araruama (KNEIP, 1980). Caberia assim perguntar se estas teriam relação com a transferência de vários grupos Guarani para os aldeamentos do Rio de Janeiro.

A predominância de tigelas grandes parece indicar a utilização destas por famílias extensas, o que pode ser confirmado pela presença

de grandes panelas e a *igaçaba* para a preparação e armazenamento de cauim de, aproximadamente, 100 litros. A quantidade e dimensões das tigelas rasas também confirmam um número maior de pessoas que teriam participado de atividades no local em relação aos recipientes coloniais, estes de menor dimensão, ocorrendo apenas caçarolas, tigelas e torrador, com ausência de grandes panelas e vasos.

Uma análise espacial da cerâmica, mesmo prejudicada pelo fato de o sítio apresentar setores impactados por ação antrópica, indicou diferenças entre o percentual de determinados tipos de tratamento de superfície, ocorrendo em uma área bem delimitada onde a cerâmica Tupinambá está mais representada em todos os tipos de tratamento de superfície, formas de vasilhas e tamanhos. Observou-se a presença de vasilhames de diferentes dimensões e formas com decoração unglada na borda apenas em uma pequena área do sítio, estando esta ausente no restante da área.

As respostas criadas pelos indígenas frente à expansão europeia não são alcançadas apenas por uma quantificação de artefatos em sítios arqueológicos indígenas ou históricos. Não somente os objetos europeus mudaram de significado quando transferidos de uma cultura para outra, como também a sua funcionalidade pode ter sido alterada. A convivência de lascas de quartzo e uma cerâmica de “contato” e colonial em sítios próximos a Maricá (DIAS JR., 1975; MENDONÇA DE SOUZA, 1981) indica que, em algumas atividades, os indígenas ainda recorriam às suas tradicionais tecnologias. As lascas devem ter sido utilizadas como faca, tanto para descascar mandioca como no manuseio de peixes.

A presença de faiança fina, em conjunto com uma cerâmica colonial, indica que a área continuou sendo utilizada para pesca até meados do século XIX. Em alguns dos fragmentos de cerâmica colonial, coletados no outro lado do canal, observa-se a técnica de acordelamento, característica das cerâmicas fabricadas nos aldeamentos, indicando que nesta área existiam pequenas habitações indígenas ou de seus descendentes. Entre as atividades geralmente desenvolvidas por índios até o século XIX, a pesca foi uma das mais significativas, abastecendo com pescado a cidade.

Inicialmente a presença de fragmentos de louça foi interpretada como a aquisição destas vasilhas, principalmente por terem se tornado populares no século XIX. O período de fabricação das louças pôde ser avaliado quando o fragmento apresentava a marca do fabricante, embora várias características possam auxiliar também nesta avaliação. De acordo com as características das louças decoradas, pode-se verificar a existência de fragmentos de louças do final do século XVIII e de faiança fina inglesa e francesa do século XIX.

Entretanto, pode-se observar que a maioria dos fragmentos de louça, inclusive os correspondentes a um único prato, coletados em locais distantes, indicam terem sido utilizados como fragmentos, talvez com a mesma função das lascas de quartzo no trato com peixes.

Como podemos perceber, não é tão simples abordar a complexidade de interações e resistências apenas através de um sistema de classificação das modificações nas culturas indígenas. Longe de serem culturas estáticas, mas possuindo suas próprias dinâmicas, as respostas dadas por estas populações apresentarão especificidades de acordo com o contexto histórico, social, político e econômico. Mesmo após mais de um século sob pressão da expansão colonial, algumas práticas culturais foram mantidas, convivendo com elementos europeus que adquirem uma significação própria na ótica destas populações.

Nos aldeamentos, a ação jesuítica buscava, de certa forma, manter um determinado equilíbrio com algumas práticas culturais indígenas. As mudanças eram introduzidas gradativamente; permitiam-se manifestações indígenas nas festas religiosas, como também a manutenção das diferentes línguas e, principalmente, da língua Tupi dentro dos aldeamentos. Talvez a busca de um equilíbrio entre o mundo indígena e o cristão fosse a forma encontrada para a manutenção destas populações dentro dos aldeamentos e das terras jesuíticas. Essa manutenção de práticas tradicionais indígenas pode ser percebida em Vieira, quando sugere que se mantenham algumas concessões, como os bailes em vésperas de dias santos, mas que se corrija "o convívio" e mistura de práticas tribais e cristãs nos rituais funerários; (NEVES, 1997, p. 153-171).

A presença de grandes vasilhas para cozinhar e armazenar cauim no sítio de São Bento demonstra que a beberagem em festas ou rituais, provavelmente aos espíritos, ainda era executada pelos índios aldeados no início do século XVIII. O mesmo é observado em Três Vendas (KNEIP, 1980), onde a aldeia correspondente ao mesmo período apresentou maior variedade de vasilhas, com a presença de grandes vasos, ao passo que na aldeia datada do século XIX os vasos estão ausentes.

Os Assurini, ainda hoje, fabricam vasilhames cerâmicos tradicionais para os rituais aos espíritos, embora utilizem panelas de alumínio nas atividades cotidianas (SILVA; NOELLI, 1997). De certa forma isto poderia também ter ocorrido em São Bento, estando a fabricação de grandes panelas, talhas e vasos relacionados aos rituais que foram executados no local.

Devemos ainda lembrar que os aldeamentos incluíam em seus territórios diferentes etnias, que vivenciaram de formas distintas o contato com os colonizadores. Não há dúvida que até o século XVII houve predominância de indígenas de língua Tupi, o que parece não ter se mantido a partir do século XVIII. Assim, a cerâmica não parece ser um indicativo seguro para etnicidade, embora consideremos a possibilidade de identificar relações sociais entre sítios pelo grafismo dos vasilhames.

Nesta área onde se encontra o sítio arqueológico de São Bento, frei de Santa Maria (1723) descreve os habitantes como sendo pescadores. A presença de indígenas na cidade do Rio de Janeiro, trazendo seus produtos da pesca, parece ter sido comum no século XIX (RUGENDAS, 1979, p. 206), da mesma forma como ainda mantinham o uso de arco e flecha nas caçadas (LUCCOCK, 1975, p. 174).

O aldeamento de São Barnabé e a cidade do Rio de Janeiro

A conquista e fundação da cidade do Rio de Janeiro, a manutenção de aldeias e os aldeamentos implantados no litoral durante os séculos XVI e XVII terão como objetivo a defesa de invasão estrangeira e a segurança da navegação portuguesa pela costa brasileira.

A cidade se encontrava protegida por um “cinturão” de populações indígenas (PETRONE, 1996) – as chamadas aldeias de colonos e dos capitães nas sesmarias que iam se desenvolvendo ao seu redor, tendo o aldeamento de São Lourenço na entrada da baía e, na retaguarda deste, o de São Barnabé e os indígenas das terras dos jesuítas no Macacu.

São Barnabé teve seu centro inicialmente localizado em Cabuçu, não muito distante da lagoa de Maricá, onde os indígenas costumavam realizar suas pescarias. Sua igreja, nesta primeira fase, caracterizava-se por um templo de madeira com cobertura de folhas de pindoba, construído pelos próprios índios.

Alguns anos depois, a sede e os indígenas foram transferidos para as proximidades de Itambi, nas terras do Colégio dos Jesuítas, ou seja, na fazenda de Macacu, onde erigiram novo templo (SOUZA, 1854, p. 136). Os motivos para a transferência dos índios de São Barnabé, em 1647, não se deveram ao esgotamento de recursos naturais, já que as terras do aldeamento ofereciam uma diversidade destes. Na realidade, não havia mais necessidade de os índios deste aldeamento protegerem a cidade de ataques que pudessem ser iniciados a partir de Cabo Frio, pois já desaparecera o perigo de estrangeiros na região, devido à ocupação portuguesa e estabelecimento de um novo aldeamento, o de Sacuruna ou São Pedro.

A atuação dos indígenas na defesa da cidade, em especial os de S. Barnabé, é relatada por cronistas e jesuítas: estes, acompanhando os governadores, combateram tentativas de invasões estrangeiras em vários momentos (LEITE, 1938; FRANÇA, 1999).

Além dos problemas políticos externos, existiam confrontos políticos internos, correspondentes a um jogo de forças entre a cidade do Rio de Janeiro, liderada pela família Sá, e o governo colonial situado na cidade de Salvador, estando envolvidos os jesuítas e indígenas, tanto aqueles dos aldeamentos como os assentados em propriedades particulares.

Em todos os eventos observamos uma forte ligação dos Sá com os índios e os jesuítas (BOXER 1973; PETRONE, 1995). Isto

indica a existência de uma eficiente comunicação entre as aldeias e aldeamentos, demonstrando que, que embora estes indígenas já estivessem há um tempo considerável em contato com os colonizadores, mantinham, pelo menos com relação às armas, as tradicionais de suas culturas. A proibição do uso de armas de fogo pelos indígenas poderia explicar por que os índios de São Barnabé ainda utilizariam, em meados do século XVII, armas tradicionais indígenas. Da mesma maneira, parece ter ocorrido a utilização de armas indígenas pelo próprio europeu, pois até meados do século XVII eram bem mais eficientes em comparação aos arcabuzes que tinham uma cadência de tiro muito mais lenta (VERÍSSIMO, 1970). Assim, em termos de produção indígena, provavelmente teria ocorrido um aumento da produção de arcos e flechas para comercializar por machados, miçangas etc., além de fornecerem farinha de mandioca, pescado e caça, produtos muito procurados pelos europeus. A maioria dos homens acabara morando com mulheres indígenas, o que significa a introdução de uma tecnologia de cerâmica e outros produtos indígenas no próprio contexto da habitação colonial.

A descoberta de ouro nas Minas Gerais e seu escoamento através da cidade do Rio de Janeiro acarretaram uma série de mudanças na cidade, responsáveis pelo desenvolvimento da rede urbana e circulação de produtos, graças às bacias hidrográficas que circundam a baía de Guanabara. A cidade cresce e consolida sua vocação comercial, a colonização avança, o indígena do aldeamento, mão-de-obra fundamental neste processo, é requisitado cada vez mais para a abertura dos caminhos que levam ao sertão, para as obras na cidade, para as lavouras canavieiras, para as áreas de mineração etc.

Da agonia à morte de um aldeamento: resistência e comportamento étnico

A antiga fazenda de Macacu encontrava-se dividida entre as terras que seriam de uso do Colégio e as do aldeamento. Os arrendamentos das terras do Colégio em São Barnabé indicam que anterior-

mente teria ocorrido uma outra disposição espacial, estando as terras próximas ao rio Macacu, ou seja, toda a área designada como Itambi, destinada aos índios até o início do século XVIII. Com a maior parte das terras de Itambi arrendadas, no período entre 1747 e 1750 reaparece uma igreja dedicada à Nossa Senhora do Desterro, que em 1755 daria nome à freguesia, incluindo-se nela o aldeamento de São Barnabé. As capelas de Nossa Senhora do Desterro de Itambi e de São Barnabé foram construídas na primeira metade do século XVIII, o que nos leva a admitir que ambas parecem confirmar mudanças na localização do núcleo missionário do aldeamento de São Barnabé.

Encontrando-se as terras indígenas de São Barnabé todas nas mãos de particulares, e os índios em dispersão, durante o governo do vice-rei Marquês do Lavradio este aldeamento é elevado em 1773 à Vila Nova de S. José d'El-Rei, sendo realizada nova demarcação das terras dos índios. A partir dos pontos descritos no documento de demarcação e da localização de dois marcos referentes a esta, em Maricá, pode-se estabelecer não somente a localização e dimensão das terras dos jesuítas, como também a sesmaria concedida aos índios no século XVI e as da Vila Nova.

A localização de restos ósseos humanos e vestígios da existência de uma construção, ou seja, uma capela no distrito de Visconde de Itaboraí, levou-nos a relacionar o sítio a uma das capelas existentes nas terras do aldeamento no século XVIII. Mais do que mapear as estruturas funerárias, buscou-se compreender o porquê da distribuição dos restos ósseos, suas alterações relacionadas a transformações naturais e perturbações a que estiveram expostos, e a partir delas construir uma versão sobre os acontecimentos do passado. As análises dos restos ósseos humanos deste sítio-cemitério pretenderam distinguir marcadores bioculturais nos ossos e dentes, indicativos de comportamentos culturais e de processos tafonômicos.

Os procedimentos consistiram na exposição dos ossos, sendo estes descritos, mapeados e fotografados, optando-se em preservar as estruturas de modo a visualizar suas posições espaciais. O solo argilo-arenoso contribuiu para o comprometimento dos ossos,

muitos em péssimo estado de conservação, aumentando os cuidados e exigindo observações mais apuradas, principalmente pela presença de pequenos elementos de cultura material. Os restos ósseos foram identificados segundo sua disposição em quatro categorias: indivíduos completos e articulados, ossos parcialmente articulados e incompletos, ossos amontoados e ossos dispersos.

Pôde-se identificar três camadas arqueológicas. A camada I, onde predomina material da edificação que teria existido no local. A camada II apresentou também intensa ação antrópica, onde foram evidenciadas várias estruturas funerárias desarticuladas (19), muito material ósseo humano e cultural esparso, além de restos da capela, em menor proporção em relação à camada I. A camada III apresentou algumas estruturas funerárias desarticuladas por ação antrópica (8) e sepultamentos primários (5), ainda aparecendo alguns poucos fragmentos de telhas e fragmentos ósseos esparsos.

Algumas estruturas apresentavam-se como um amontoado de ossos, fragmentos de materiais da ruína e uma quantidade maior de areia misturada com argila, formando um bloco compacto. Tais características nos levam a supor que a capela ou parte desta poderia ter sido de taipa, cuja técnica emprega 70% de areia e 30% de argila, embora tenhamos encontrado razoável quantidade de fragmentos de tijolos e argamassa à base de concha.

Além dos materiais referentes à capela, foram recuperados diversos elementos de cultura material que estariam relacionados aos indivíduos presentes nas estruturas funerárias perturbadas por ação antrópica. A presença de miçangas e outras contas de diferentes cores ocorreu de forma esparsa e em algumas estruturas, não se evidenciando nos sepultamentos primários. Além destas, alguns elementos parecem ter relações com vestimentas, como botões e fios metálicos, alfinetes. Foram recuperadas moedas, cuja oxidação recebeu a impressão do tecido, como também medalhas com imagens religiosas, estando uma destas entre os ossos de uma das estruturas funerárias. Deve-se registrar a presença de uma pelota de barro e uma conta discoidal feita em molusco, observada em uma

das estruturas que, por seu estado frágil, leva-nos a considerar que as demais se deterioraram, tendo sido verificadas pequenas concentrações de grãos calcários entre ossos em estruturas perturbadas, além de miçangas e outras contas.

Ossos e dentes como indicadores bioculturais

No total foram evidenciadas 32 estruturas funerárias, sendo exumadas apenas 27 destas. A maioria delas apresentou perturbação por ação antrópica. Algumas, caracterizadas por um amontoado de ossos, encontravam-se ao lado dos sepultamentos primários ou sobre estes. Isto indica que as estruturas funerárias desarticuladas, principalmente as da camada II, são mais antigas que os sepultamentos primários da camada III. A presença, mesmo que em menor quantidade, de fragmentos de materiais da construção nos sepultamentos primários parece indicar que a capela já se encontrava em ruínas quando estes foram enterrados.

Embora alguns sepultamentos tenham sido impactados pela abertura de novas covas, a maioria dos ossos esparsos, bem como outras estruturas funerárias, parece ter sido impactada durante a destruição da capela. Podemos observar que alguns sepultamentos (5) perturbaram outros, resultando em estruturas correspondentes a um amontoado de ossos (11). Já as demais estruturas (16), apresentando esqueletos incompletos e parcialmente articulados, como também amontoados de ossos, não manifestaram uma relação direta com sepultamentos primários.

As marcas encontradas nos ossos foram resultantes de alterações ocorridas *post-mortem*, tais como marcas de corte e fraturas, cujas características diferem das marcas típicas de cortes por descarnamento ou desmembramento relacionadas a rituais funerários (OLIVEIRA, 1992; KNEIP et al, 1994; OLIVEIRA et al, 2001). Da mesma forma como alguns ossos apresentaram modificações nas superfícies ósseas por influência deposicional do ambiente e ações antrópicas, diferenciando-se de verdadeiras patologias (BUIKSTRA;

COOK, 1980; COOK, 1981). Como resultados, verificou-se um razoável grau de descalcificação, fragmentação, presença de fissuras no tecido ósseo e deteriorização dos côndilos e epífises, intensificadas pelas ações antrópicas destrutivas sobre o conjunto capela-cemitério e pela intensa utilização da área para plantio.

Os sepultamentos primários (5) encontravam-se estendidos, em decúbito dorsal, enterrados diretamente no solo. Apenas um único indivíduo apresentou como acessório funerário dois pequenos discos em osso na altura da pelve. No geral, sobre estes sepultamentos primários e em seu entorno foram observados diversos fragmentos ósseos e de materiais da construção, além de alguns raros elementos de cultura material sem correlação direta com os indivíduos destes sepultamentos. Já nas estruturas correspondentes aos amontoados de ossos, como também de forma esparsa por toda a camada II, ocorreram miçangas, medalhas, contas, fios metálicos e uma conta discoidal feita em concha, muito comum entre diversos grupos indígenas.

Observou-se a presença de ossos com coloração avermelhada, diferenciando-se dos demais, inclusive dentro de uma mesma estrutura, entretanto tal característica não teve ocorrência nos sepultamentos primários. Esta pigmentação resulta de substância à base de óxido ferroso que aderiu ao osso. Cabe ressaltar que foram encontrados fragmentos de ocre esparsos na camada II e principalmente em duas estruturas funerárias. O fato de a existência de ossos desarticulados nas mesmas estruturas e os sepultamentos primários não apresentarem tal impregnação leva-nos a considerar que a presença de ocre e os ossos pigmentados estejam relacionados a fatores bióticos devidos ao tratamento dado ao morto.

Nos restos ósseos analisados, verificou-se que a maioria das marcas presentes foi causada pelo deslocamento dos ossos durante a destruição da capela e utilização da área para agricultura extensiva, já nas primeiras décadas do século XIX. Entretanto, foi identificada lesão *ante-mortem* em um osso parietal, causada por objeto perfurante que teria resultado na morte do indivíduo, já que não havia indício de processo de reabsorção óssea e infecção. Indício de morte violenta

também ocorreu na cultura material, tendo sido verificada a presença de um projétil de arma de fogo, uma pequena esfera metálica, junto aos restos ósseos de uma estrutura funerária, assim como um dos sepultamentos primários apresentou um objeto longo e fino de metal entre as costelas e próximo às vértebras.

As ações que determinaram o deslocamento da maior parte dos ossos e o alto grau de fragmentação destes, além da própria destruição da capela, demonstram terem sido intencionais.

A população do sítio-cemitério

Para se obter o número mínimo de indivíduos representados nessas estruturas, utilizou-se de uma listagem de frequência dos ossos, diferenciando-os em suas partes, já que a maioria destes correspondia a fragmentos. Todos os ossos completos e fragmentos foram analisados de acordo com suas possibilidades. Apenas alguns destes fragmentos representaram melhores indicadores para a identificação do número de indivíduos. Nesse caso, nos fragmentos de ossos longos, as epífises proximal e distal tornam-se indicadores mais seguros, embora tenha ocorrido um maior número de diáfises que, devido à variedade de tamanhos, não se mostraram apropriadas para a identificação. Da mesma forma como no crânio, o occipital, devido à sua maior resistência em relação aos demais ossos cranianos, apresentou-se como um bom indicador do número mínimo de indivíduos representados no sítio.

Esta inventariação também mostrou uma representativa variedade de números entre diferentes ossos, que pode ser explicada por diversos fatores. A própria deposição no solo pode ter resultado na degeneração de alguns destes ossos, além da destruição da capela e dos sepultamentos a ela relacionados, pela abertura de novas covas, a utilização da área para agricultura extensiva e, por fim, as ações de impacto que resultaram na descoberta do sítio e os próprios trabalhos de escavação.

No sítio-cemitério foi identificado, através dos occipitais, um número mínimo de 54 adultos e uma criança. Não podemos deixar

de acrescentar uma outra criança correspondente a uma estrutura funerária cujo esqueleto se encontrava parcialmente articulado.

Os dentes, dada sua dureza e resistência, são mais propícios à preservação, mesmo quando outras partes do esqueleto não tenham se preservado. Foram coletados 332 dentes esparsos nas camadas I e II, o que permitiu identificar, através dos segundos molares superiores do lado direito, a presença de mais cinco crianças. Assim, podemos estabelecer como número mínimo de indivíduos para este sítio 54 adultos e 7 subadultos.

Devido ao alto índice de fragmentação dos ossos, a diagnose sexual baseou-se nas características morfoscópicas do crânio e mandíbula e, quando apenas ossos isolados, utilizou-se do temporal por este apresentar maior valor dimórfico (OLIVIER, 1960; UBELAKER, 1978; PEREIRA; MELO; ALVIM, 1979; FEREMBACH, SCHWIDETZKY; STLOUKAL, 1980; BROTHWELL, 1981; MENDONÇA DE SOUZA, 1990). Entretanto, em apenas 25 indivíduos adultos foi obtida a diagnose sexual, indicando um certo equilíbrio entre homens e mulheres (14 m e 11 f), embora não possamos afirmar que isto corresponda à realidade populacional do sítio.

A análise dos 332 dentes esparsos e 186 dentes ainda retidos nos alvéolos em arcadas dentárias permitiu considerar simultaneamente variáveis fisiológicas, morfológicas e culturais. (MURPHY, 1959; MOLNAR, 1971; POWELL, 1985; HILLSON, 1990) De forma a obter informações sobre a dinâmica entre fatores culturais e conseqüências biológicas, buscou-se correlacionar a proporção de lesões por cárie, perdas dentárias *ante-mortem* e *post-mortem*, e desgaste dentário, em cada tipo de dente. Deste modo, considerou-se a proporção entre o número de dentes lesionados e o número de dentes observados.

Tabela: indivíduos com presença de lesões dentárias

	Juvenis	20-35	>35	?	Total
Fem.	-	5	1	-	6
Masc.	-	4	1	-	5
?	1	-	-	4	5

Os resultados indicam alto índice de cáries tanto nos dentes esparsos (29,3%) como nas arcadas dentárias de indivíduos masculinos e femininos (28,7%), ocorrendo a maior incidência em pré-molares e molares. As diferenças na distribuição da frequência destas lesões por idade, entre os indivíduos adultos, não foram significativas. O único indivíduo infantil analisado não apresentou lesão por cárie, sendo verificado desgaste moderado nos incisivos. No entanto, foi observada a presença de cáries em alguns dentes decíduos esparsos (11%).

O desgaste dentário entre os indivíduos varia de leve a moderado, não estando esta característica associada à idade. A diferença observada ocorre em relação aos tipos de dentes, sendo o desgaste mais intenso nos dentes anteriores, principalmente nos incisivos, diminuindo em direção aos pré-molares e molares. Esta característica foi bem definida para os indivíduos femininos, podendo também se estender para os masculinos, embora entre estes tenha ocorrido grande perda dos dentes incisivos superiores *post-mortem*.

Nos indivíduos femininos, este desgaste mais acentuado nos incisivos está associado a um número representativo de perdas dentárias *ante-mortem* e presença de cárie. A proporção de cáries, desgaste dentário e perdas *ante-mortem* nos pré-molares e molares parece seguir o mesmo padrão em ambos os sexos. Esta diferenciação entre os dentes indica stress por alimentação e por atividades culturais, sendo que estas últimas tiveram maior impacto nos indivíduos femininos. Pode-se observar entre os indivíduos femininos a forma de desgaste dentário indicado por Molnar (1971, p. 187)

como resultado da manipulação de material fibroso, geralmente encontrado entre fabricantes de cestaria.

Um alto índice de cárie associado à presença de desgaste dentário é relacionado a uma dieta rica em carboidratos com acréscimo de abrasivos durante sua preparação (POWELL, 1985). Nos indivíduos do sítio-cemitério, o desgaste dentário extensivo aos pré-molares e molares e o índice de cáries parecem estar relacionados à dieta. Neste caso, as fontes escritas indicam que houve a manutenção de práticas tradicionais de subsistência e, portanto, do consumo de moluscos coletados nos mangues das terras do aldeamento e nas proximidades, possivelmente responsável pelos abrasivos presentes na dieta destes indivíduos.

Cabe ainda ressaltar que dentes com desgaste mais acentuado ocorreram nas estruturas funerárias impactadas que, em conjunto com a presença de corante em alguns ossos e diferentes adornos, diferenciaram-se dos sepultamentos primários, enterrados posteriormente no local.

Cultura material e comportamento étnico

Como em outras populações indígenas, em São Barnabé observa-se a manutenção de suas práticas de subsistência tradicionais e tecnologias como estratégia de resistência, buscando preservarem sua autonomia e autodeterminação. A inserção destas comunidades na sociedade colonial resultou em respostas diferentes: de revoltas e fugas à passividade, todas ocorreram em São Barnabé.

As informações documentais nos mostram que, apesar dos esforços coloniais de levar os índios a uma agricultura extensiva, estas comunidades de São Barnabé preferiam manter suas atividades de subsistência baseadas em pequenas roças, na pesca e caça. A resistência na manutenção de técnicas tradicionais demonstra escolhas próprias na busca de suas autonomias. Embora não seja mencionada a coleta de moluscos, a presença de desgaste dentário nos restos ósseos do sítio-cemitério e vários sítios de coleta nas pro-

ximidades de ambas as igrejas, Nossa Senhora do Desterro e São Barnabé, demonstram que tal atividade foi mantida por estas populações até o século XIX.

A atividade mais valorizada por estes indígenas era o artesanato, ou seja, a cerâmica e principalmente a cestaria. A importância dada ao artesanato, segundo seu capitão-mor (1780), era motivo de revoltas entre os índios quando se viam impedidos de confeccionarem devido à execução de trabalhos forçados em outras áreas. Esta cestaria utilizando taquaras “pintadas de diferentes cores” parece indicar a existência de uma iconografia de difícil compreensão para os não-índios.

Da mesma forma que os indígenas de São Barnabé, os atuais Guarani fabricam uma cestaria multicolorida. Nossas observações em uma aldeia Guarani indicam que tais grupos, mesmo abandonando a confecção da cerâmica, continuaram a reproduzir seus códigos de identidade através da cestaria. O grafismo existente na cestaria apresenta elementos diferenciadores sociais e étnicos, ou seja, indicativos sociais do artesão e diferenciados entre as aldeias.

Assim sendo, provavelmente em São Barnabé sua cestaria multicolorida deveria apresentar elementos emblemáticos de identidade, estando também presente na pintura da cerâmica Tupinambá no sítio arqueológico de São Bento, em Maricá. Isto, entretanto, não significa que haja uma relação direta entre esta cerâmica registrada em Maricá e a cestaria descrita nos documentos.

O incremento da cestaria entre os Guarani, fonte principal de renda, imprime marcas observadas nos dentes, principalmente os anteriores. As mulheres e meninas Guarani dedicam grande parte de seu tempo à confecção de cestos. Cabe aos homens providenciar a matéria-prima, embora, segundo informações, alguns destes também participem da confecção dos cestos. Nas meninas adolescentes pode-se observar um desgaste dentário oblíquo mesial-distal acentuado nos incisivos centrais superiores, enquanto as mulheres adultas apresentam perda precoce dos incisivos superiores. Apenas alguns homens também apresentam tal perda. O mesmo foi observa-

do nos indivíduos do sítio-cemitério de Itaboraí, interpretando-se como característica decorrente da confecção de cestaria.

Como em outras etnias indígenas brasileiras, as mulheres Guarani dão grande valor aos adornos, entre eles os de miçangas. A presença de diversidade de contas e, entre estas, as de forma discoidal em estruturas funerárias desarticuladas no sítio-cemitério, bem como a utilização de corantes (ocre) em alguns ossos, podem ser interpretadas como indicativos de “um modo de ser” que se diferencia dos demais indivíduos, principalmente dos sepultamentos primários.

Considerações finais

A implantação do aldeamento de São Barnabé ocorreu sobre um espaço organizado Tupinambá, o que não significou que este tenha sido totalmente desarticulado até o século XVII. A permanência de aldeias e indígenas nestas terras representou também uma continuidade de práticas e assentamentos diversos.

Mesmo com a conquista portuguesa, nas aldeias e aldeamentos houve a permanência de práticas culturais tradicionais indígenas, sendo que o processo de mudanças ocorreu de forma diferenciada em cada região. A presença de variadas formas e tamanhos de vasilhas cerâmicas da tradição Tupinambá em Maricá indica a execução de atividades cotidianas e rituais tradicionais por indígenas até o início do século XVIII. As mudanças no quadro demográfico das comunidades aldeadas também estão refletidas nas vasilhas cerâmicas, demonstrando populações maiores na confecção e utilização de grandes vasos e panelas nos primeiros séculos, enquanto que estes se encontram ausentes nos sítios arqueológicos datados do início do século XIX.

Em termos de prática cotidiana, estas populações criaram diversas estratégias de resistência em relação às medidas de dominação. A emergência de novas etnicidades resultaria das experiências de vida destas comunidades, construindo uma identidade a partir

de fragmentos e contradições, buscando diferenciar-se simbolicamente dos demais segmentos da sociedade colonial. Entretanto, os símbolos emblemáticos de identidade geralmente não estão objetivamente definidos nos vestígios arqueológicos, mas provavelmente indicadores de comportamento étnico.

A presença de marcas resultantes do uso de dentes como instrumento ou terceira mão na confecção de artesanato, desgaste dentário por abrasão, alguns aspectos da cultura material e a indicação documental de que os indígenas fabricavam uma diversidade de cestaria, bem como a manutenção de atividades de subsistência tradicionais, podem ser interpretados como indicativos de resistência. Tais características indicam que algumas de suas comunidades parecem ter encontrado na manutenção de suas práticas de subsistência tradicionais e tecnologias, ou seja, na caça, pesca e coleta de moluscos, uma maneira de autodeterminação, um “modo de ser” distinto dos não-índios. Porém, muito de sua cultura material já não se diferenciava da sociedade regional.

O que observamos no sítio-cemitério foi uma deliberada destruição dos mortos. Assim, parece-nos que os indivíduos ali sepultados referiam-se ao Outro em oposição à sociedade regional e que, por algumas características observadas, corresponderiam a indígenas e mestiços relacionados ao aldeamento.

Notas

* Gostaria de agradecer em especial ao Dr. Pedro Paulo Funari por seu apoio e contribuição para este trabalho. Também desejo agradecer aos arqueólogos e antropólogos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento do tema. As idéias aqui expressas são de responsabilidade da autora.

** Professora do Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ. Coordenadora do Laboratório de Antropologia Biológica, desenvolvendo pesquisas arqueológicas em sítios pré-coloniais em Mato Grosso e em sítios históricos no Rio de Janeiro. Apresentou tese de doutoramento intitulada *São Barnabé: lugar e memória*, no Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina C. *Os índios aldeados no Rio de Janeiro colonial*. Novos súditos cristãos do Império português. 2000. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ALTMAN, Ida; BUTLER, Reginald D. The contact of cultures: perspectives on the Quincentenary. *The American Historical Review*, New York, v. 90, n. 2, p. 478-532, 1994.

ANCHIETA, José de. *Cartas jesuíticas*, v. 3. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Usp, 1988.

ANDRÉN, Anders. *Between artefacts and texts*. Historical Archaeology in global perspective. New York; London: Plenum Press, 1998.

ARAUJO, José de Souza A. Pizarro. *Memórias históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Imprensa Nacional, 1946.

ASSIS, Valéria S. Uma proposta de análise espacial de sítios Tupinambá pela abordagem etnoarqueológica. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 2000 [CD-ROM].

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

BELTRÃO, Maria C. *Pré-história do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Forense Universitária; SEEC, 1978.

_____. *Os Tupinambá no Rio de Janeiro*. Brasília: Ed. Gráfica Alvorada, 1972.

_____; FARIA, E. Castro. Acampamentos tupi-guarani para coleta de moluscos. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, NS, v. 19, p. 97-135, 1971.

BOXER, C. R. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686*. São Paulo: Ed. Usp, 1973.

BRANDÃO, Renato P. A estética jesuítica em São Lourenço. In: AZEVEDO, Francisca L. Nogueira; MONTEIRO, John M. (Orgs.). *Confronto de culturas: conquista, resistência, transformação*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Ed. Usp, 1997, p. 291-305.

BROCHADO, José P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. 1984. Tese de Doutorado – University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana-Champaign, 1984.

_____. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, São Paulo, n. 27, p. 65-82, 1989.

_____. Migraciones que difundieron la tradición alfarera tupiguarani. *Relaciones*, Buenos Aires, NS, v. 7, p. 7-39, 1973.

_____. Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4, p. 85-88, 1991 (Anais do 1º Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro).

_____. A tradição cerâmica Tupi-Guarani na América do Sul. *Clio*, Recife, n. 3, p. 47-60, 1980.

_____; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo S. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica de vasilhas guarani arqueológicas. *Veritas*, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.

_____; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994.

BROTHWELL, Douglas R. *Digging up bones: the excavation, treatment and study of human skeletal remains*. London: British Museum (Natural History); Oxford University Press, 1981.

BUIKSTRA, Jane E.; COOK, Della C. Palaeopathology: an american account. *Ann. Rev. Anthropol.*, Cambridge, v. 9, p. 433-70, 1980.

BUARQUE, Ângela. Uma aldeia Tupinambá em Morro Grande. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Porto Alegre, v. 2, p. 207-220, 1995.

_____. A cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, M.C. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999, p. 307-320.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Usp, 1980.

CHAPMAN, R. et al. *The Archaeology of dead*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

COOK, Della C. Mortality, age-structure and status in the interpretation of stress indicators in prehistoric skeletons: a dental example from the Lower Illinois Valley. In: CHAPMAN, R. et al. *The Archaeology of dead*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 133-144.

CUNHA, Manuela C.; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Vingança e temporalidade: os Tupinambá. *Journal de la Société des Americanistes*, Paris: n. 71, p. 191-208, 1985.

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. São Paulo: Liv. Martins, 1945 [1614].

DIAS JR., Ondemar. Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA, Resultados preliminares do III ano. Belém, *Publ. Avulsas*, n.13, p. 143-160, 1969.

_____. Das aldeias aos engenhos: a ocupação humana no recôncavo da Guanabara da Pré-história ao século XVII. *Anais da II Jornada de Trabalho. Tempo e Espaço: a construção da História Regional*. Campos, p. 29-39, 1998.

_____. A fase Parati: apontamentos sobre uma fase cerâmica neobrasileira. *Universitas*, Salvador, n. 8, p. 117-133, 1971.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras; Secretaria Municipal de Cultura; Fapesp, 1998, p. 381- 396.

_____. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. Recommendations for age and sex diagnose of skeleton. *Journal of Human Evolution*, London, Arizona, n. 9, p. 517-549, 1980.

FRANÇA, Jean Marcel C. *Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Antologia de textos, 1582-1808. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

_____. *Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Antologia de textos, 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio; Ed. UERJ, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo A. Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da história da colonização da América do Sul. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 1, n. 1, p. 11-44, 1999.

_____. O amadurecimento de uma Arqueologia histórica mundial. *Revista de História*, n. 135, p. 163-168, 1996.

_____. A Arqueologia e a cultura africana nas Américas. *Estudos Ibero-Africanos*, Porto Alegre: v. 17, n. 2, p. 61-71, 1991.

_____. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: _____. *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: IFCH-Unicamp, 1998, p. 7-34.

_____. Archaeology, History and Historical Archaeology in South America. *International Journal of Historical Archaeology*, New York, London, v. 1, n. 3, p. 189-206, 1997.

_____. Contribuição da Arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 2000 [CD-ROM].

_____. A cultura material e a construção da mitologia bandeirante: problemas da identidade nacional brasileira. *Idéias*, Campinas: v. 2, n. 1, p. 29-48, 1995a.

_____. Memória histórica e cultura material. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25-26, p. 17-31, 1993.

_____. A teoria arqueológica no Brasil: etnicidade e política em questão. In: *Simpósio Internacional sobre Teoria e Método em Arqueologia*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1995b.

_____; JONES, S.; HALL, M. Introduction: Archaeology in History. In: *Historical Archaeology*. Londres: Routledge, 1999, p.1-23.

_____; OLIVEIRA, Nanci V. Arqueologia em Mato Grosso. *Cadernos Primeira Versão*, Campinas, n. 92, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. *Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro*. 1991. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

HILLSON, Simon. *Teeth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología*. Corrientes actuales. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

JONES, Sean. *The Archaeology of ethnicity*. Constructing identities in the past and present. Londres, Routledge, 1997.

KARLSSON, Hakan. *Re-thinking Archaeology*. Göteborg – Sweden: Göteborg University, 1998.

KERN, Arno A. Método e teoria no Projeto Arqueologia Histórica Missioneira. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Porto Alegre, v. 1, p. 181-202, 1995.

KNEIP, Lina M; MONTEIRO, Antonia M.; SEYFERTH, Giralda. A Aldeia pré-histórica de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, NS, v. 27, p. 283-338, 1980.

KNEIP, Lina M. et al. Pesquisas arqueológicas no sambaqui Zé Espinho, Guaratiba, Rio de Janeiro: contribuição à visão interdisciplinar. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, NS, v. 31, p. 78-100, 1986.

KNIVET, Antony. Narração da viagem que, nos annos de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do Sul, em companhia de Thomaz Candish. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 4, n. 1, p. 24-272, 1875.

LARSEN, Clark Spencer. Dental modifications and tool use in the Western Great Basin. *American Journal of Physical Anthropology*, Illinois, n. 67, p. 393-402, 1985.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEITE, Serafim, S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Usp, 1980.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Usp, 1975.

MCGUIRE, Randall H. The limits of world-systems theory for the study of prehistory. In: PEREGRINE, Peter N.; FEINMAN, Gary M. (Ed.), *Pre-Columbian World Systems*, Madison, Wisconsin: Prehistoric Press, p. 51-64, 1996.

_____. The study of ethnicity in historical archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology*, Michigan, n. 1, p. 159-178, 1982.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *Pré-história fluminense*. Rio de Janeiro: IEPC; SEEC, 1981.

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria F. *Aplicação de funções discriminantes à estimativa de sexo em ossos humanos pré-históricos*. 1980. Dissertação de Mestrado – Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

MOLNAR, Stephen. Human tooth wear, tooth function and cultural variability. *American Journal of Physical Anthropology*, Illinois, n. 34, p. 175-189, 1971.

MONTICELLI, Gislene. Análise da memória dos Mbyá-Guarani sobre suas vasilhas de cerâmica. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Porto Alegre, v. 2, p. 207-220, 1995.

MURPHY, Thomas. The changing pattern of dentine exposure in human tooth attrition. *American Journal of Physical Anthropology*, Illinois, n. 17, p. 167-178, 1959.

NOELLI, Francisco S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo: v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.

_____. Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento n. 3, p. 285-302, 1999.

_____; BROCHADO, José P. O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: Equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 8, p. 117-128, 1998.

_____; TRINDADE, Jane A.; SIMÃO, Ana P. Primeiras análises sobre a funcionalidade e a frequência da cerâmica de um sítio arqueológico Guarani da lagoa Xambrê – Paraná. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 2000. [CD-ROM]

OLIVEIRA, Nanci V. Arqueologia e etnicidade: imagens de identidade no Brasil. *Espaço Plural*, v. 3, n. 7, p. 15-16, 2001.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Pardos, mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872-1980). *Revista Horizonte Antropológico, Sociedades Indígenas*, Porto Alegre, a. 3, n. 6, p. 60-83, 1997.

OLIVIER, G. *Pratique anthropologique*. Paris: Vigot Frères, 1960.

ORSER JR., Charles E. A teoria de rede e a Arqueologia da História Moderna. Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento n. 3, p. 87-101, 1999.

PAYNTER, Robert; MCGUIRE, Randall H. The Archaeology of inequality: material culture, domination and resistance. In: *The Archaeology of inequality*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1991, p. 1-27.

PENNER, Bruce R. Old World traditions, New World landscapes: ethnicity and Archaeology of Swiss-Appenzellers in the Colonial South Carolina Backcountry. *International Journal of Historical Archaeology*, New York, London, v. 1, n. 4, p. 257-321, 1997.

PEREGRINE, P. N.; FEINMAN, G. M. Pre-Columbian world systems. *Monographs in World Archaeology*, Madison, Wisconsin: Prehistoric Press, n. 26, 1996.

PEREIRA, Cleber B.; ALVIM, Marília C. M. *Manual para estudos craniométricos e cranioscópicos*. Santa Maria: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Maria, 1979.

PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: Ed. Usp, 1995.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

POWELL, Mary Lucas. The analysis of dental wear and caries for dietary reconstruction. In: GILBERT, R. I; MIELKE, J.H. *The analysis of prehistoric diets*. New York, Academic Press, p. 307-338, 1985,.

ROGGE, Jairo Henrique. Função e permanência em assentamentos litorâneos da tradição Tupiguarani: um exemplo do litoral central

do Rio Grande do Sul. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 2000 [CD-ROM].

RUBERTONE, Patricia E. Archaeology, colonialism and 17th-century native America: towards an alternative interpretation. In: CLAYTON, R. (Ed.). *Conflict in the Archaeology of living traditions*. London: Unwn Hyman, p. 32-45, 1989.

SANTA MARIA, A. *Santuário Mariano – a história das imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas que se veneram em todo bispado do Rio de Janeiro e em todas as ilhas do oceano*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo, v. 10, 1723.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina M. *A tradição policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas*. 1991. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1991.

_____. *Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani*. 1981. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1981.

SILVA, Fabíola A.; NOELLI, Francisco S. O estudo do processo de produção cerâmica dos Asuriní do Xingu e sua contribuição à reflexão arqueológica. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 2000 [CD-ROM].

SOARES, André Luís R. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997 (Coleção Arqueologia, 4).

SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 24, 1973 [1587].

SOUZA SILVA, Joaquim Norberto. Memória histórica e documentada das aldeias de índios da Província do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 15, 1854.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Usp, 1970.

TEIXEIRA FILHO, A. *Roteiro cartográfico da baía de Guanabara e Cidade do Rio de Janeiro*. Século XVI e XVII. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Usp, 1978.

TRIGGER, Bruce G. Archaeology and Epistemology: dialoguing across the Darwinian chasm. *American Journal of Archaeology*, Boston, v. 102, p. 1-34, 1998.

UBELAKER, Douglas H. *Human skeletal remains*. Washington: Taraxacum, 1978.

_____. *Reconstruction of demographic profiles from ossuary skeletal samples. A case study from the tidewater Potomac*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1974.

VERÍSSIMO, Inácio José. História Militar do Rio de Janeiro nos séculos XVI e XVII. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 288, p.121-181, 1970.

VIDAL, Lux. Iconografia e grafismos indígenas, uma introdução. In: ____ (Org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; Ed. Usp, 1992, p. 13-17.

_____; MÜLLER, Regina Aparecida P. Pintura e adornos corporais. In: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma etnológica brasileira, 3 - arte índia*. Petrópolis: Vozes; Finep, 1986, p. 119-148.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté. Os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Anpocs, 1986.

_____. Comentário ao artigo de Francisco Noelli. *Revista de Antropologia*, São Paulo: v. 39, n. 2, p. 55-60, 1996.

_____. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 35, p. 21-74, 1992.

Abstract

We intended understanding the process of assimilation of the indigenous populations and the politics imposed to them in different moments the relationship among archaeological ranches and Jesuit villages, the movement of the populations and their subsistence practices, their resistance mechanisms starting from the analysis of writing and archaeological sources aspects of the daily life of these populations through the analysis of bony remains and material culture. The studied archaeological ranches defined the analysis and the approach starting from two temporary contexts: the implantation phase and consolidation of the Jesuit village and the decline phase, with the Jesuits' exit to its extinction.

Keywords: material culture and ethnicity, Tupinambá pottery, identity and resistance, indigenous and Jesuits.